



## SONHADORAS E DISTRAÍDAS: TRANSTORNO DO DEFICIT DE ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE NO SEXO FEMININO

Yara Vieira ALBERTI<sup>1</sup>

Adriane de Lima Vilas Boas BARTZ<sup>2</sup>

### RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo aprofundar o conhecimento sobre o transtorno do déficit de atenção e hiperatividade (TDAH) que comum e erroneamente é atribuído, em maior parte, ao público masculino, sendo raros os casos de meninas que chegam ao consultório em busca de um diagnóstico. Como problematização, buscou analisar as características comportamentais de meninas e mulheres com esse mesmo transtorno, salientando de forma geral as diferenças que acometem ambos os sexos com o distúrbio. Igualmente buscou apresentar novas informações a fim de que auxiliem em possíveis reconhecimentos da disfunção, contribuindo assim para o melhoramento da qualidade de vida das pessoas acometidas pelo TDAH, uma vez que meninas e mulheres tendem a passar despercebidas, sem um diagnóstico e, com isso, passam toda a vida sem entender seus próprios comportamentos, sentindo-se deslocadas e, na maioria dos casos, desenvolvendo uma baixa autoestima. Para isso, utilizou-se como metodologia a pesquisa bibliográfica que forneceu todo o embasamento teórico, e, também a pesquisa de campo, a qual foi realizada nas instituições de ensino: Colégio Estadual Padre Jorge Scholl e Escola Municipal Cleide Borges Reis. Por meio dessa prática, a pesquisadora pôde analisar as informações dos professores, referentes às características comportamentais dessas alunas e sobre as diversas formas de intervenções empregadas em sala de aula.

**Palavras chave:** Menina. Mulher. Desatenção.

---

<sup>1</sup> Graduada em Pedagogia pela Faculdade Dom Bosco de Ubitatã. Pós-graduada em Educação Especial pela Faculdade Iguaçú. Yaravieiraalberti@hotmail.com

<sup>2</sup> Docente do curso de Pedagogia pela Faculdade Dom Bosco de Ubitatã. Dri\_bartz@hotmail.com

## INTRODUÇÃO

Imaginem muitos trabalhos acumulados com o prazo se esgotando, estudos estendidos pela madrugada, perda da hora pela manhã, o “sumiço” da chave do carro e o atraso na chegada ao trabalho. Para muitas mulheres, esse seria um dia de azar, mas, para uma mulher com TDAH essa pode ser a realidade de todos os dias.

Esse distúrbio tem início na infância, podendo se estender à vida adulta, tendo suas causas ligadas à fatores ambientais, biológicos e genéticos. É facilmente reconhecido em meninos, no entanto, meninas com o mesmo problema podem passar despercebidas pela vida toda. Distraídas e com a “cabeça nas nuvens”, assim são identificadas pela sociedade, que com seu dedo acusador causam a elas sofrimento, já que são incapazes de compreender sua singularidade.

Um diagnóstico tardio ou inexistente pode trazer enormes prejuízos a essas mulheres. Elas podem passar a vida toda se achando desajeitadas, que não são boas no que fazem, se sentindo deslocadas, com baixa autoestima.

Por isso a importância do diagnóstico e da própria pessoa conhecer-se com TDAH, pois a chave para a qualidade de vida encontra-se no conhecimento. Compreender o próprio comportamento traz uma sensação de alívio e é fundamental para aceitar-se e acreditar em sua capacidade.

Desse modo, o presente artigo buscou quebrar o mito que cerca o TDAH, de que o mesmo ocorre, em maior parte, no sexo masculino; visou também ressaltar as várias formas como esse transtorno se manifesta e, as diferenças apresentadas por meninos e meninas acometidos pelo mesmo distúrbio; tendo em vista, mostrar como essas jovens tendem a passar despercebidas, expondo o drama de ser adolescente e, por conseguinte, uma mulher desatenta e/ou hiperativa em uma sociedade um tanto quanto conservadora, assim como, ressaltar a importância de um diagnóstico correto, realizado no tempo certo.

## 1 SONHADORAS E DISTRAÍDAS: TDAH FEMININO

### 1.1 Compreensão, características e diagnóstico

A pesquisa fundamentou-se na relação TDAH e o viver, abrangendo conflitos que envolvem meninas e mulheres com esse transtorno.

Pereira (2012) afirma que o TDAH é um dos distúrbios que mais acometem crianças e jovens, atualmente. Tem início na infância e, na maioria dos casos, perdura até a fase adulta.

Segundo Rohde e Mattos (2003), a pessoa com hiperatividade dispõe de uma incapacidade neurobiológica comumente genética, que resulta em falta de controle motor, repentinas mudanças no humor e emocional desequilibrado.

Ainda para Pereira (2012), seus sintomas típicos são desatenção, hiperatividade/impulsividade. Está presente no CID-10 e DSM-IV, com método diagnóstico bastante parecido nos dois, porém, o CID-10 requer sinais dos dois grupos de sintomas, sendo desatenção, hiperatividade e impulsividade, enquanto o DSM-IV aceita o diagnóstico com base em apenas um destes.

O DSM-IV considera a intensidade e frequência dos sintomas para a realização do diagnóstico. É necessário que a desatenção e/ou a impulsividade/hiperatividade esteja presente antes dos sete anos de idade, por um período igual ou maior a seis meses, podendo ser observadas em mais de um ambiente, desencadeando consequências acadêmicas e/ou sociais.

O TDAH apresenta-se em três subtipos, sendo predominante o desatento: quando existe seis ou mais sinais de desatenção; o predominante hiperativo/impulsivo: quando há seis ou mais sinais de hiperatividade e impulsividade e, o combinado: quando o sujeito apresenta seis ou mais características dos dois subtipos anteriores.

De acordo com a Associação Brasileira de Deficit de Atenção (2016), meninas são mais fáceis de lidar do que meninos, sendo isso um grande fator que contribui para o não reconhecimento do transtorno. Entretanto, meninas com TDAH não se apresentam da mesma forma. Quando possuem características do subtipo hiperativo/impulsivo, são geralmente menos rebeldes do que meninos e sua hiperatividade mostra-se por meio da fala exagerada e ação. Tendem a dispor de maior ansiedade e depressão, desequilíbrio emocional e oscilações de humor. Já no subtipo misto, não chegam a ser exatamente hiperativas, muitas vezes mostram-se confusas devido à desorganização de pensamentos e costumam disfarçar sua desatenção.

Silva (2009), em estudos mais modernos, afirma que a média para mulheres com TDAH é de uma para cada cinco homens. Porém, existe a dúvida se o TDAH é realmente mais recorrente em meninos ou se as meninas estão sendo subdiagnosticadas.

Para a Associação Brasileira de Deficit de Atenção - ABDA (2016), quando se fala em TDAH, logo se imagina um menino pequeno e inquieto. No entanto, os sinais que se apresentam em meninas são frequentemente diferentes. São poucos os casos de meninas que chegam ao consultório com comportamentos típicos de hiperatividade/impulsividade. Essas meninas, por serem tipicamente distraídas, sempre evitando chamar a atenção, seguem sem diagnóstico, apenas por possuírem sintomas distintos.

Ainda para Silva (2009), meninas são predominantes desatentas, portanto sofrem muito com a distração e a desorganização. Apresentam maiores níveis de ansiedade e depressão que meninas “normais” da mesma idade, até mesmo que meninos com TDAH, por isso, muitas vezes, acabam passando despercebidas. Em muitos casos, por serem distraídas, acabam sendo tidas como “menos inteligentes”; no entanto, a mente de uma menina com TDAH é muito criativa, uma vez que é capaz de produzir sons e imagens ininterruptamente.

Por sua vez, a ABDA (2016) apresenta dados de pesquisas recentes, onde a proporção de meninos para meninas com TDAH é de um para uma. Isso significa que esse distúrbio não escolhe sexo, estando meninos e meninas, igualmente sujeitos ao transtorno. Cabe somente maior observação a essas meninas para que não se tornem adultas ainda sem diagnóstico, resultando assim em maiores danos.

Fiore (2007) completa que frente a um diagnóstico precoce, a taxa de experiências negativas da criança será menor, tendo assim, maior facilidade em superar barreiras. No entanto, se o diagnóstico ocorrer fora do tempo, ela poderá até se esquecer de suas qualidades, perdendo o discernimento sobre as várias alternativas que a cercam. Ainda assim, um ponto estará sempre a seu favor: sua capacidade de sonhar é gigantesca e poderá facilmente ser reavivada.

## **1.2 Meninas x meninos**

De acordo com Mendes (2010), apesar do distúrbio ser intitulado como Transtorno do Deficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), ele pode ou não apresentar os sintomas de hiperatividade/impulsividade, no entanto, nunca deixará de apresentar o deficit de atenção (DDA). Segundo Hallowell e Ratey (1999):

[...] As garotas parecem apresentar o DDA sem hiperatividade com mais frequência do que os meninos. Ele pode ocorrer em ambos os sexos, mas é mais comum em meninas ou mulheres. [...] Em geral, o principal sintoma nessas pessoas é a distração. [...] é um fenômeno silencioso (HALLOWELL; RATEY, 1999, p.189).

Desse modo, Silva (2009) garante que o crescimento de meninas apresentando qualquer um dos subtipos, é assinalado por questões muito pessoais, visto que já pesa o fato de ser mulher em uma sociedade um tanto quanto rígida em relação aos seus deveres e acrescenta-se ainda o episódio do TDAH.

Segundo Pereira (2012), apesar de toda a luta por igualdade de gênero, ainda há muita diferença na criação de filhos e filhas.

Morais (2006) comenta que quando nasce uma menina, os pais a vestem de rosa e quando nasce um menino, os pais o vestem de azul; por conseguinte, as diferenças vão se agravando com o passar dos tempos. Meninas ganham bonecas, panelas, casinhas, etc, enquanto meninos ganham carrinhos, pipas, bolas, enfim. O que assemelha, parcialmente, a relação de meninos e meninas atualmente é o uso das tecnologias, ferramentas essas não tão acessíveis em outras épocas.

Del Priore (2011) alega que modelos femininos de conduta são obtidos através da história. O modelo tradicional feminino deveria considerar a maternidade como função primordial, conseqüentemente, o zelo pela casa e filhos. Hoje em dia, ainda se espera da mulher esse papel de boa mãe e parceira, seguido também de uma profissional competente, não como forma de extensão dos requisitos anteriores, mas sim, como um direito adquirido na luta por oportunidades iguais.

Para Silva (2009), o que se espera de meninas é que sejam calmas, atentas, dedicadas e organizadas, qualidades indispensáveis para quem deseja ser uma boa mãe e companheira; caso contrário, elas serão alvo de julgamentos e críticas externas. Desse modo, é irrevogável que essas moças, mais do que outros, sofrerão com a tirania da sociedade. Na maioria dos casos, estarão condicionadas à baixa autoestima, pois, desde muito cedo, sempre exaltaram sua falta de boas maneiras, sua desordem, falta de capricho, etc., críticas que não são direcionadas a meninos, pois eles simplesmente são meninos. No entanto, meninas precisam atender a tais expectativas, sendo comportadas e quietas, e suas diversas qualidades como energia, criatividade e iniciativa, deixam de ser exploradas.

A autora afirma que é na infância que as características podem ser percebidas, mas será na adolescência que o TDAH irá ganhando forma, período complicado para a vida de qualquer jovem,

especialmente para uma jovem com TDAH, que possui constante desatenção. É ainda nessa fase que as cobranças, exigências e tarefas aumentam, sejam na escola, família ou trabalho.

A ABDA (2016) afirma que na adolescência a menina pode querer compensar seu fraco desempenho da infância, por meio de exposição à riscos, como ingestão de álcool, tabaco e até mesmo dar início a sua vida sexual antes do tempo apropriado.

De acordo com Aratanguy (2011), uma adolescente precisa ser amável, boa filha, boa aluna; mesmo passando por esse período onde enfrenta um turbilhão de hormônios e emoções, onde até mesmo pequenas coisas tomam grandes proporções. Somando-se ainda o fator TDAH, essa jovem precisará lidar também com a desatenção e/ou hiperatividade/impulsividade, dificuldades essas que afetam diretamente em responsabilidades incumbidas a ela e em sua postura esperada pela sociedade.

Abramowicz (2000) completa que muitas funções exigidas a uma adolescente “comum” já são um tanto quanto difíceis, para uma jovem com TDAH então, poderá provocar enorme sofrimento. Em vista disso, para que suas qualidades possam ser ressaltadas é preciso que esse padrão feminino seja desconstruído, proporcionando o surgimento de outros modelos femininos aceitáveis, tendo como referência a essência singular de cada mulher.

### 1.3 Passando despercebidas: TDAH na escola

Para Silva (2009), meninas com TDAH podem passar despercebidas aos olhos, diferentemente de meninos, pois entre elas, prevalece o tipo sem hiperatividade.

Hallowell e Ratey (1999) afirmam que:

Existe o DDA com e sem hiperatividade. No caso de DDA sem hiperatividade, as pessoas podem ser até mesmo hipoativas. É o caso da criança (frequentemente meninas) que fica sentada no fundo da sala perdida em seus devaneios, ou do adulto que se move com a serenidade de alguém que parece estar nas nuvens, nunca muito presente em lugar algum (HALLOWELL; RATEY, 1999, p. 22-23).

Desse modo, Dias (s.d.) comenta que a maior dificuldade, é que essas meninas não apresentam tantos problemas como crianças do tipo hiperativo/impulsivo. O subtipo desatento acaba passando batido devido as suas características e a defasagem no aprendizado pode se estender por toda a trajetória escolar. Ainda para o autor, “geralmente são crianças dóceis, fáceis de lidar, porém com dificuldade de aprendizagem desde o início de sua vida escolar, pois sua falta de

atenção sustentada não deixa que ela mostre seu potencial.” Tais especificidades orgânicas associadas à cultura, podem aparentar, erroneamente, maior número de meninos com esse transtorno.

Para Silva (2009):

[...] Elas podem ser [...] poupadas da tortuosa via-crúcis que suas semelhantes do tipo desatento irão atravessar até descobrirem a causa de tanta confusão em suas vidas: a desorganização, os esquecimentos, a sensação de serem como ETs abandonadas à própria sorte, sem jamais conseguirem se adaptar a este planeta cheio de horários a cumprir, tarefas meticulosas, prazos [...] (SILVA, 2009, p. 45).

Desse modo, para a autora citada acima, sonhar acordada é uma característica feminina do TDAH. Sua serenidade oculta uma mente inquieta e em incessante exercício. Ela não foca nas explicações do professor e sua imaginação passeia pelas lembranças dos amigos, nos filmes e novelas já vistos e até mesmo em eventos futuros que lhe estão tirando o sossego como: qual roupa vestir, o que calçar, quem estará lá, etc.

Por sua vez, a ABDA (2016), afirma que essas meninas mostram-se quietas e comportadas; não têm muita participação nas aulas, porém, não atrapalham. Tudo é capaz de tirar sua atenção, sendo o professor, o último item do seu quadro de prioridades. Ela se interessa mais em rabiscar, folhear o caderno, inventar joguinhos, etc.

Para Anderson e Goolishian (2009), uma simples alusão a certos episódios, sons e afins, pode trazer à tona muitas memórias e fazê-la viajar, tirando toda sua atenção do presente.

Pereira (2012) destaca que essa menina pode recorrer, demasiadamente, a suas fantasias, uma vez que em seus sonhos a vida é mais fácil e suas capacidades recebem o devido valor.

Silva (2009) procura expor as adversidades da sala de aula por meio de uma pequena história:

Totalmente preocupada em pôr fim à guerrinha de bolinhas de papel iniciada por Flavinho, a jovem professora estava alheia por completo à menina sentada na fila da parede, lá pelo meio da sala, olhando pensativa pela janela e que parecia não se dar conta da divertida bagunça que campeava entre seus coleguinhos. Todos os dias eram assim e aparentemente não havia por que se preocupar com aquela tranquila menininha, que mal se mexia na cadeira. Mas o que a professora não sabia era que, por debaixo da antiga carteira escolar de madeira escura, inteiriça, um par de pezinhos balançava irrequieto, na mesma velocidade dos pensamentos de sua dona [...] A menininha sonhadora tinha os movimentos do corpo um tanto contidos, mas sua mente saltava rapidamente de um devaneio a outro, ainda mais veloz que as perninhas incansáveis de seu colega “pestinha”. Seu nome só era lembrado na hora da chamada. Absorta em sua fértil imaginação, ela estava alheia ao ditado que a jovem professora começava a passar. Por causa disso, seria mais tarde duramente repreendida em



casa e aceitaria de pronto todos os adjetivos com que seus pais a definiam: preguiçosa, relaxada, “abilolada” (SILVA, 2009, p. 43-44).

Em paralelo, Capellini *et al.* (2008) ressalta que tais garotas podem possuir capacidades auditivas significativas, sendo mais simples para elas compreenderem e fixarem atividades orais, ao mesmo tempo que tarefas que demandam leituras em silêncio podem prejudicar seu entendimento. Desse modo, como diversas das atividades escolares requerem competências silenciosas, o desenvolvimento e a exploração de suas habilidades podem ficar comprometidos.

Por outro lado, segundo a ABDA (2016), essas meninas podem mostrar-se muito inteligentes e quanto maior a inteligência, mais tarde surgem os problemas acadêmicos. Muitas dessas meninas com QI elevado podem avançar à níveis superiores e, conforme a prática acadêmica vai se expandindo e se complicando, as dificuldades de concentração vão aparecendo. O problema tende a agravar-se à proporção que os deveres aumentam.

#### **1.4 Mulheres e o TDAH**

Segundo Silva (2009), quando adulta, a mulher já não pode mais contar com a compreensão destinada às crianças, desse modo, passam por situações bem características durante sua vida, bem diferentes daquelas vividas pelos homens.

Freire (1983) destaca que antigamente a mulher cuidava do lar, enquanto o homem trazia o sustento. Entretanto, a mulher já foi empregada doméstica, lavadeira, quituteira; evidências de que muitas mulheres já realizavam atividades em prol da manutenção da vida.

Borges e Coutinho (2008) comentam que o espaço doméstico conduzido pela mulher, tinha como base a afetividade; já o papel de sustento atribuído ao homem, necessitava de raciocínio. No entanto, o papel doméstico da mulher, tão importante, não era tido como relevante e, ainda hoje, não possui o devido reconhecimento.

Por outro lado, Araújo e Scalon (2005) afirmam que a ideia sobre a remuneração da mulher ser complementar à do homem ainda é presente nos dias de hoje, no entanto, já não mais prevalece, visto que, cada vez mais, mulheres assumem cargos tidos como masculinos. Vale ainda destacar que, de acordo com Araújo e Scalon (2005) *apud* Pereira (2012), “uma expressiva parcela de mulheres vem sendo apontada como chefes e principais provedoras da família.” Uma das grandes



inovações que mudaram as relações em sociedade e acresceram direitos e privilégios à figura feminina do passado.

Entretanto, para Silva (2009), uma mulher sonhadora e distraída, dona de uma mente hiperativa, pode se deparar com dificuldades ao tentar ser boa mãe, dona de casa e base emocional aos demais; no entanto, pode ficar horas entretida, ouvindo música, por exemplo, o que demonstra seu foco e paciência, quando a atividade lhe é interessante.

Ainda sobre a mulher com TDAH, Silva (2009) afirma que:

[...] Muitas vezes falhará em meio a tantas exigências de meticulosidade, certamente sobrevirão à culpa e ao ressentimento. Não só isso, mas também o dedo em riste acusador da família e da sociedade são alguns dos ingredientes da receita da depressão e ansiedade. Por outro lado, [...] pode ser extremamente lúdica, criativa, divertida, amiga e cheia de pique. Seus filhos sabem que ela é incrível, que sua mamãe é “demais”. Que não brinca com eles para entretê-los somente, ela está ali brincando mesmo, de corpo e alma [...] (SILVA, 2009, p.54).

Do mesmo modo, segundo Pereira (2012), o que pode ser um problema para uma família, pode não ser para outra. Um lugar onde mulheres são vistas como independentes, uma conduta distinta pode não ser considerada embaraçosa.

Ainda de acordo com Silva (2009), no amor, há uma certeza: existe emoção de sobra e escassez de razão; logo, as pessoas com TDAH sentem suas emoções com maior intensidade que as demais. Dessa forma, é muito fácil apaixonar-se por uma mulher com TDAH, ela é uma ótima companhia, divertida, adora sair, aventurar-se, sem ela ao redor, o clima é diferente; porém, o desafio encontra-se em manter essa relação, pois os problemas surgem logo ao término da fase da paixão. As maiores barreiras que os(as) parceiros(as) precisarão enfrentar são as constantes distrações, a falta de organização, os esquecimentos, a impulsividade, a permanente necessidade de novos estímulos e a dificuldade de comunicação afetiva. Suas repentinas oscilações de humor também podem provocar brigas, no entanto, também podem proporcionar momentos únicos de alegria, risos, companheirismo, sexo, etc.

Finalizando sua ideia, Silva (2009), completa que: “É como estar em uma montanha russa amorosa, com altos e baixos, mas onde jamais se deixará de sentir aquele friozinho na barriga e o coração acelerado”. Se o(a) parceiro(a) for capaz de compreender suas dificuldades e exaltar suas qualidades, eles viverão muito bem. Mas, se ele(a) agir de maneira machista, sempre lhe impondo e exigindo, desvalorizando-a e pouco se importando com suas adversidades, então, será o próprio caos. Entretanto, na maior parte dos casos, o(a) consorte não é considerado(a) responsável pela

situação caótica. Por isso, a mulher com TDAH não precisa cumprir com tudo o que é imposto a ela, é preciso se libertar da culpa e importar-se menos com críticas, só assim poderá seguir o seu caminho. Contudo, toda essa trajetória seria muito mais fácil se desde cedo ela tivesse oportunidade de explorar suas habilidades naturais, em vez de ter que se enquadrar a um modelo restrito de conduta.

## 2 METODOLOGIA

Essa pesquisa foi realizada de forma bibliográfica, conceituada da seguinte forma, segundo os autores Cervo e Bervian (1996):

Pesquisa bibliográfica procura explicar um problema a partir de referências teóricas publicadas em documentos. Pode ser realizada independentemente ou como parte da pesquisa descritiva ou experimental. Em ambos os casos, busca conhecer e analisar as contribuições culturais ou científicas do passado existentes sobre um determinado assunto, tema ou problema (CERVO; BERVIAN, 1996, p.48).

Desse modo, o conteúdo deste trabalho foi retirado de livros, revistas, artigos de universidades e materiais publicados na internet, com o propósito de um melhor entendimento sobre o tema “sonhadoras e distraídas: TDAH feminino”.

Da mesma forma, sobre a pesquisa de campo, Vergara (2005) define que:

Pesquisa de campo é investigação empírica realizada no local onde ocorre ou ocorreu um fenômeno ou que dispõe de elementos para explicá-lo. Pode incluir entrevistas, aplicações de questionários, testes e observação participante ou não (VERGARA, 2005, p.47-48).

Assim, a pesquisa de campo é um modo de se coletar informações específicas sobre a pesquisa realizada. Essa é uma prática de suma importância para a concretização do estudo, pois, por meio dela torna-se possível compreender certos fenômenos e relacionar a teoria com a prática. Esse é um exercício caracterizado pela análise de informações, busca e registro de dados relevantes.

A investigação foi realizada na Escola Municipal Cleide Borges Reis – Ensino Fundamental Anos Iniciais – está localizada na Rua Bahia, atendendo 350 alunos, nos períodos da manhã e tarde, e, no Colégio Estadual Padre Jorge Scholl – Ensino Fundamental Anos Finais, Integral e Médio,

localiza-se na Rua Marechal Cândido Rondon, atendendo 203 alunos, nos períodos da manhã e tarde. A constituição dos dados deu-se por meio de questionário aberto aplicado a 2 professoras regentes das instituições mencionadas anteriormente.

### 3 ANÁLISE da coleta de dados

Foi aplicado um questionário para os professores que atendem alunas com TDAH.

Na primeira pergunta, questionou-se quais os comportamentos que mais chamam a atenção na aluna com deficit de atenção e hiperatividade.

Para a professora R., sobre a aluna B., seria a falta de concentração e o maior tempo empregado para a execução das atividades.

Já a professora A. afirmou que não observa comportamentos associados à hiperatividade na aluna J., mas quanto ao deficit de atenção, notou haver distração na realização das atividades. Todavia, tal distração não chega a prejudicar seu rendimento escolar na disciplina em que leciona, uma vez que a aluna destaca-se como leitora, e quando deixava de realizar alguma tarefa, era porque estava lendo.

De acordo com Bonadio e Mori (2013), os sintomas mais evidentes do TDAH são:

[...] A desatenção, a hiperatividade e a impulsividade expressada pela criança, adolescente ou adulto no decorrer de seu desenvolvimento. Tais sintomas se apresentam em um grau que compromete as atividades diárias destas pessoas, seja na escola, no trabalho ou em casa, dificultando as relações escolares, de trabalho e/ou interpessoais (BONADIO; MORI, 2013, p.36).

Conforme as autoras citadas acima, tais sintomas se tornam presentes e passam a afetar diretamente a rotina da pessoa, em diferentes ambientes.

Na segunda questão, perguntou-se quais aspectos o professor observa na relação entre a aluna com TDAH e os seus pares.

A professora R. afirma que B. possui uma boa relação com seus colegas, apesar de não ter muitas amigas.

Já a professora A. declara que J., de maneira geral, relaciona-se bem com seus colegas, apesar de não se envolver muito nos assuntos da maioria. É mais de observar, demonstrando um perfil introspectivo; evita conflitos, mas não omite sua opinião que, normalmente, é diferente dos

demais alunos da sala. Demonstra-se seletiva para as amigadas mais próximas, partilhando conversas e ideias somente com quem tem muita afinidade.

Segundo Sena e Souza (2010):

A relação de crianças com TDAH e seus pares é repetidamente descrita na literatura como insatisfatória e deteriorada, estando essas crianças em constantes situações de rejeição e vitimização por seus pares (Hoza *et al.*, 2005; Pelham e Bender, 1982; Tonelotto, 2002; Unnever e Cornell, 2003). Assim, Pelham e Bender (1982) estimam que 50% das crianças com TDAH apresentam problemas significativos em seus relacionamentos sociais. O comportamento disruptivo, desatento, imaturo e provocativo que essas crianças costumam apresentar evoca reações autoritárias e controladoras por parte de seus pares (SENA; SOUZA, 2010, p.22-23).

De acordo Sena e Souza (2010), pessoas com TDAH tendem a ser menos interativas. Demonstram baixa tolerância a frustrações e, querem sempre controlar a situação, o que acaba desencadeando certa aversão por parte das demais crianças, dificultando a tarefa de fazer/manter amigos.

Em relação à terceira pergunta, foi investigado quais estratégia ou intervenção o professor adota em sala de aula para lidar com alunos(as) com TDAH.

Segundo a professora R., ela procura manter uma rotina e estabelecer regras. Senta o aluno na frente, junto dela, para melhor auxiliá-lo. Disponibiliza tempo extra para a realização de provas; deixa as atividades mais fáceis para o fim da aula; lê as provas para o aluno e explica como devem ser feitas, cobra um bom comportamento e elogia quando é necessário, torna o aluno seu ajudante, faz algumas pausas para descanso e trabalha juntamente com os familiares, mantendo-os informados sobre o rendimento do aluno, se copiou ou não as atividades, se fez ou deixou de fazer.

Por sua vez, a professora A. garante que o primeiro passo seria “olhar” de uma forma diferente para essa aluna. O segundo aspecto seria diversificar as atividades. Assim, uma exposição oral, um exercício, uma produção escrita, não poderiam durar muito tempo. Até mesmo uma solicitação de trabalho não necessita de muita extensão, já que os alunos sempre deixam para a última hora.

Ainda para A., é importante lembrar que o professor precisa passar uma imagem, cujo objetivo seria de ajudar o aluno a aprender e não mostrar que sabe mais e que, portanto, “pode” mais.

A professora A. finaliza ressaltando que tais estratégias não eram necessárias para J., já que a aluna demonstra interesse e atenção na disciplina trabalhada, não ocasionando nenhum conflito

em sala; ao contrário, destaca-se pela criticidade e participação nas atividades, contribuindo para discussões no campo da literatura e gramática.

De acordo com Mattos (2004), é preciso:

[...] Manter uma rotina constante e previsível: uma criança TDAH requer um meio estruturado que tenha regras claramente estabelecidas e que estabeleça limites ao seu comportamento (pois ela tem dificuldades de gerar sozinha essa estruturação e esse controle). Evite mudar horários o tempo todo, “trocar as regras do jogo” no que diz respeito às avaliações (uma hora vale uma coisa, outra hora outra) (MATTOS, 2004, p.105).

Para Mattos (2004), o professor precisa trabalhar com estratégias em sala de aula. Para isso, ele deve saber qual é o fator que mais atrapalha o rendimento de determinado aluno, e, a partir do problema, pensar em uma solução. As crianças com TDAH são tão capazes de aprender como qualquer outra, no entanto, apresentam grande dificuldade de concentração; por isso, somente as intervenções de um professor preparado serão capazes de atender a tais necessidades.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O TDAH está presente tanto em meninos quanto meninas, pois esse é um transtorno que não escolhe gênero. A hiperatividade é um comportamento mais comum para o sexo masculino, enquanto a distração ocorre em maior parte, no feminino. No entanto, a hiperatividade/impulsividade também pode aparecer nas mulheres, apesar de não ser tão habitual.

Chamando menos a atenção alheia, meninas, muitas vezes passam despercebidas por um diagnóstico. Eis o mito de que o TDAH é predominante em homens.

Por sua vez, meninas tendem a esforçar-se mais para satisfazer as expectativas dos demais, porém, com o passar dos tempos, as exigências vão aumentando, as tarefas vão tornando-se mais complexas e fica cada vez mais difícil superar o transtorno.

Para uma mulher adulta, o desafio é ainda maior, sua luta vai desde seu próprio sentimento de desajuste, até a desaprovação da família e sociedade perante seu desempenho desajeitado. Por isso, é de suma importância a propagação dos estudos e formas de tratamentos do TDAH feminino.

Quando corretamente diagnosticado, esse transtorno tem tratamento e seus resultados permitem que essas meninas/mulheres possam levar suas vidas como quaisquer outras, podendo

trabalhar suas particularidades, buscando realizar seus sonhos e atingindo seus ideais de maneira efetiva.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOWICZ, A. A Importância das Meninas Pobres Para a História da Educação. In:

ABRAMOWICZ, A; MELLO, R. R. (Orgs.). **Educação, Pesquisas e Práticas**. Campinas-SP: Papyrus, 2000.

ANDERSON, H.; GOOLISHIAN, H. **Conversação, Linguagem e Possibilidades: um enfoque pós-moderno da terapia**. São Paulo: Editora ROCCA, 2009.

ARATANGUY, R. L. **Para entender adolescentes na era digital**. São Paulo: Benvirá, 2011.

ARAÚJO, C; SCALON, C (Orgs.). **Gênero, família e trabalho no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE PSIQUIATRIA. **DSM-IV – Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais**. 4. ed. Artes Médicas, Porto Alegre, 1994.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DEFICIT DE ATENÇÃO. **TDAH em meninas e mulheres**. 2016. Disponível em: <<http://tdah.org.br/tdah-em-mulheres/>>. Acesso em: 19 jun de 2018.

BONADIO, R. A. A.; MORI, N. N. R. **Transtorno de déficit de atenção/ hiperatividade: diagnóstico e prática pedagógica** [online]. Eduem. Maringá, 2013, 251 p. ISBN 978-85-7628-657-8. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/963vf/pdf/bonadio-9788576286578.pdf>>. Acesso em: 11 out. 2018.

BORGES, C. C.; COUTINHO, R. L. M. Família e relações intergeracionais no brasil hoje: novas configurações, crises, conflitos e ambiguidades. In: GOMES, C. I. (Coord.). **Família: Diagnóstico e Abordagens Terapêuticas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogam, 2008.

CAPELLINI, A; GERMANO, D; CARDOSO, V. Relação entre Habilidades Auditivas e Fonológicas em Crianças com Dislexia do Desenvolvimento. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE)**, v. 12, n. 1. jan./jun. 2008.

CERVO, A.; BERVIAN, P. A. **Metodologia científica**. 4.ed. Makron Books. São Paulo, 1996.

DEL PRIORE, M. **História do Amor no Brasil**. 2ª edição. São Paulo: Contexto, 2011.

DIAS, I. **TDAH - Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade**. S.d. Disponível em <<http://www.tdah.com.br/paginas/gaetah/Boletim1.htm>>. Acesso em 07 jul. 2018.

IORE, A. C. L. F. **Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade em comorbidade com o fracasso escolar**. Americana: Centro Universitário Salesiano de São Paulo, 2007. Disponível em: <[http://unisal.br/wp-content/uploads/2013/04/Disserta%C3%A7%C3%A3o\\_Ana-Cristina-Leite-Ferraz-Fiore.pdf](http://unisal.br/wp-content/uploads/2013/04/Disserta%C3%A7%C3%A3o_Ana-Cristina-Leite-Ferraz-Fiore.pdf)>. Acesso em: 29 jun. 2018.

FREIRE, G. **Casa-grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. 22<sup>a</sup> edição. Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1983.

HALLOWELL, E. M.; RATEY, J. J. **Tendência à distração: identificação e gerência do distúrbio do déficit de atenção da infância à vida adulta**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

MATTOS, P. **No mundo da Lua – Perguntas e Respostas Sobre TDAH em Crianças, Adolescentes e Adultos**. Ed. Lemos. São Paulo, 2004.

MENDES, A. V. F. **TDAH, o desafio da inclusão**. 2010. Disponível em: <[http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernos/pdebusca/producoes\\_pde/2010/2010\\_uem\\_edfis\\_artigo\\_adriana\\_valeria\\_fantin\\_mendes.pdf](http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernos/pdebusca/producoes_pde/2010/2010_uem_edfis_artigo_adriana_valeria_fantin_mendes.pdf)>. Acesso em: 10 jun. De 2018.

MORAIS, S. L. M. **O desenvolvimento das estereotípias de gênero: considerações e partir da brincadeira infantil**. Boletim do Instituto de Saúde, n. 40, dez. 2006.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. **Classificação de Transtornos Mentais e de Comportamento da CID-10**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

PEREIRA, A. L. G. **Narrativas de pais sobre meninas com transtorno do déficit de atenção e hiperatividade: Um estudo sob o enfoque sistêmico**. Dissertação (mestrado em psicologia clínica) - PUC-SP. 2012. Disponível em: <<https://tede.pucsp.br/bitstream/handle/15108/1/Ana%20Leticia%20Guedes%20Pereira.pdf>>. Acesso em: 14 jun. de 2018.

ROHDE, L. A.; MATTOS, P. **Princípios e Práticas em TDHA – Transtorno de déficit de Atenção/Hiperatividade**. Ed. Artmed. Porto Alegre, 2003.

SENA, S. da S.; SOUZA, L. K. de. A., **Infância e TDAH**. Universidade Federal de Minas Gerais, FAFICH, Departamento de Psicologia. Contextos Clínicos, vol. 3, n. 1, 2010. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cclin/v3n1/v3n1a03.pdf>>. Acesso em: 04 set. 2018.

SILVA, A. B. B. **Mentes Inquietas: TDAH: desatenção, hiperatividade e impulsividade**. Objetiva. Rio de Janeiro, 2009.

VERGARA, S. C. **Métodos de pesquisa em administração**. Atlas. São Paulo, 2005.